

LINA BBO BARDI

joiadd

joia de ARTISTA

lina bo bardi

Lina Bo Bardi

LINA BB

L  
L

LINA BO BARDI

lina bo bardi

Lina Bo Bardi

Lina Bo Bardi lina bo bardi

Lina BO Bardi

Fotos de acervo:

Henri Ballot / Instituto Lina Bo e P. M. Bardi

Chico Albuquerque / Instituto Moreira Salles

**Manifesto**

**✖**

**Lina Bo Bardi**

**Talento**

## Pedras contra brilhantes

Desde criança eu juntava coisas: pedrinhas, conchinhas das rochas do Abruzzi, fios de ferro, pequenos parafusos. Depois apareceu uma coisa enorme, uma galinha (comida especial do domingo). Tinha no estômago uma coleção de vidros e pedras roladas pelas águas: verdes, rosas, pretas, marrons, brancas. Mamãe me deu de presente, foi o começo de minha coleção junto ao pequeno estojo de pó de arroz, feito com o aço azul dos canhões alemães depois da vitória da França na I Guerra Mundial, que Zia Esterina me deu. Eu tinha 6 anos de idade. Zia Esterina foi a Napoli para uma “prova” de estudante e quando voltou contou que em Napoli as árvores eram todas de coral cor-de-rosa. A partir daquele instante o coral rosa passou a fazer parte de minha vida.

Meu amor pelas pedras continuava. Tinha 15 anos, e meu novo amor era uma vitrina da Via Condotti, onde sempre estavam expostas pequenas joias antigas. Pelo menos uma vez por semana, saindo do Liceu Artístico na Via Ripetta, onde estudava, passava pela Via Condotti e parava na vitrina. Um dia, o dono me convidou a entrar, e assim começou minha amizade com o Senhor Rapi, que me deixava manusear pedras e camafeus. Meu grande amor era um pequeno camafeu azul, brilhando como aurora, com uma cabecinha de cachorro. O Senhor Rapi disse que era uma pequena joia inglesa do começo do século passado, e que a pedra se chamava Labrador. Assim, o Labrador azul e o coral rosa passaram a fazer parte de minha vida: eram todas as pedras “semipreciosas”. O ouro, pérolas e brilhantes não me interessavam nada.

Os anos passaram, a II Guerra Mundial, minha formatura como arquiteta, carreira fulgurante, aos 25 anos dirigia a Domus. Apareceu no horizonte P.M. Bardi. Entrevista para a Domus e um lindo presente: um colar de camafeus de coral escuro e ouro que eu tinha admirado platonicamente em Firenze na “Ponte-Vecchio”, na vitrina de Settepassi, ourives do Rei da Itália. Assim recomeçou meu amor pelas “pedras”.

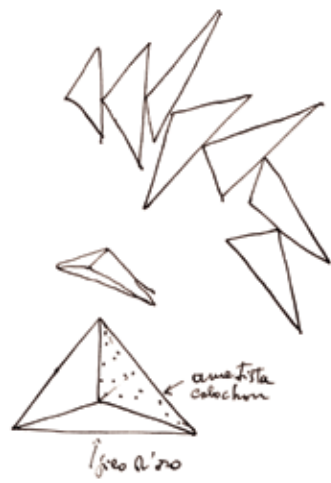
Começar essa empreitada, reeditando o mais emblemático colar criado pela arquiteta, é uma sorte. Mas também uma sintonia, um encontro. Apaixonada pelo Brasil, encantada pelas pedras de Minas, dos confins de São Paulo, do cerrado, Lina, que não entendia como quartzos podiam ser considerados pedras menores, “semipreciosas”, era, antes de mais nada, uma visionária: as gemas que na década de 1950 já estavam em seu radar se tornaram algumas das mais cobiçadas e valorizadas do mundo. Gemas tão nossas, tão brasileiras: águas-marinhas, prasiolitas, ametistas, topázios... Todas lapidadas de acordo com sua visão, montadas de forma a valorizar o que a natureza produziu de melhor. O ouro usado apenas como suporte; o simples elevado ao máximo.

São dez peças que homenageiam o trabalho de uma mulher que não fez apenas grandes projetos, do Masp ao Museu de Arte Moderna da Bahia. Dez peças que celebram uma humanista, observadora do tempo, artista completa. E que reforçam nossas convicções, nossa missão enquanto joalheria: exclusividade, unicidade, artesanato. Em uma única palavra, Talento.

**Talento, 2016.**



uno e  
spati



## Joia de artista

Foi dentro de casa, berço de qualquer projeto arquitetônico, desde o início da civilização, que a Talento nasceu, há 26 anos, em 1990. Foi em Belo Horizonte, Minas Gerais, terra dos garimpos, do ouro, de gemas raras e tão cobiçadas.

Foi pelas mãos e pela sensibilidade de uma mulher – Terezinha Géó Rodrigues – que entendeu desde o começo que o luxo não mora necessariamente nos quilates, no tamanho, na ostentação. Ele mora, de fato, no feito a mão, no único, no inimitável. Nenhuma pedra é igual a outra. Nenhuma pessoa é igual a outra. Não há padrão sem máquina.

Está no Houaiss. Artesão é sujeito masculino, artista ou profissional que se dedica a trabalhos manuais. É aquele que molda com a alma o que faz, seja um vaso de cerâmica, uma tapeçaria, um quadro, uma maquete ou, no nosso caso, uma joia. É o coração da nossa empresa, que foge da fórmula standard “head designer”, não personificando a criação na cabeça de um único indivíduo, mas, sim, na de muitas mãos, designers, ourives, cravadores.

E, se desde o começo fincamos nossas convicções no trabalho artesanal, no trabalho de artistas, lançar uma série de joias em colaboração com nomes como o da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi era apenas uma questão de tempo. Uma evolução natural da espécie, por assim dizer.

Um projeto que começa agora e pretende pelos próximos cinco anos trazer à tona não só o design mas também o pensamento, a filosofia e a poesia de cada um dos nomes selecionados para criar joias-arte, joias-sonho, joias-manifesto. Sim, porque embora sejam numeradas, certificadas e entrem no viés das grandes obras catalogadas, elas não são peças de museu, longe disso. São feitas para ganhar a rua, a vida. Para marcar acontecimentos, condensar memórias. Para testemunhar o presente histórico, como diria a própria Lina.

### Os anos passaram.

Em 1946, o convite para vir ao Brasil. P.M. Bardi, meu marido, deu-me de presente uma coleção de águas-marinhas e outras pedras brasileiras.

Minha coleção aumentou. Meu amor pelo Brasil acordou de modo potente meu amor pelas pedras. Um país com pedras maravilhosas, como os cristais de quartzo que você pode apanhar com suas mãos no cerrado de Minas, nos chapadões ou nos confins do estado de São Paulo onde, anos atrás, encontrei pedras muito bonitas, perfeitamente lapidadas pela natureza servindo, sob piche, como “fundo” para asfaltar a estrada para lá de Itararé.

Bem, tudo isto devia ser o caminho para o lançamento de um “desenho” de joias no Brasil. Joias injustamente chamadas de semipreciosas. Uma reivindicação ética dos “ornamentos” de ouro baixo, bronze, diamantes com “carvões”, pratas, crisólitas, quartzos e berilos coloridos. Ornamentos que marcaram a história do homem desde a mais antiga antiguidade e que podiam ter iniciado no Brasil um Industrial Design de joias de “alta classe” fora dos “brilhantões” e do “ouro” das madames.

Bem, o discurso podia continuar até as joias “populares” do Brasil às das feiras e dos “camelôs”. Mas essa é uma outra história.

**Lina Bo Bardi, 1947.**



Lina posa em sua Casa de Vidro, na década de 1950,  
quando o bairro ainda tinha ares de fazenda.